

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
DIACRONIA NO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL*  
DE FERDINAND DE SAUSSURE

José Pereira da Silva (UERJ)  
[jpsilva@filologia.org.br](mailto:jpsilva@filologia.org.br)

RESUMO

Aqui se pretende apresentar uma síntese dos capítulos em que Ferdinand de Saussure trata da diacronia, no *Curso de Linguística Geral*, demonstrando que o autor se dedicou mais à diacronia do que se tem divulgado. Isto será apontado em diversos capítulos, a partir do capítulo III da primeira parte do livro, demonstrando o contrário do que geralmente se ensina, neste particular. São dois os nossos objetivos: ampliar o destaque que se vem dando aos estudos históricos e diacrônicos e relembrar a contribuição que Saussure prestou a essa causa até 1913, contestando a ideia de que ele não prestigia os estudos diacrônicos. Será utilizado o próprio texto do *Curso de Linguística Geral*, já tradicional nas universidades brasileiras, na esperança de contribuir para o progresso dos estudos diacrônicos, principalmente da língua portuguesa, a que serão feitas algumas aplicações, com exemplos adequados e ilustrativos. Na referida obra ainda em preparo, serão tomadas como aporte teórico trabalhos recentes, como: Paul Bouissac (2012), Castelar de Carvalho (2003), José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (2013), Sebastião Elias Milani (2011) e outros. Apresenta-se, neste momento, a síntese de uma pesquisa bibliográfica bastante simples, mas não percebida por alguns autores que utilizaram o pressuposto de que Saussure não teria valorizado a diacronia em sua produção acadêmica, o que se prova em contrário em seu livro mais tradicional. Com isto, espera-se convencer os contradicentes de que, tendo falecido há mais de um século, Saussure se tornou mais conhecido, quando vivo, por sua dedicação aos estudos do indo-europeu e como professor de sânscrito e de linguística histórica.

Palavras-chave: Diacronia. Sincronia. Saussure. Linguística.

### 1. Considerações iniciais

Nossa pretensão, nesta exposição, é demonstrar que a diacronia foi tão importante na vida acadêmica e profissional de Saussure quanto a sincronia, ou, como veremos, provavelmente, até mais importante.

O nome de Saussure está associado na mente de muitos a uma concepção estática de língua. Sua noção de signo é compreendida como uma relação estável, tanto do signo com ele mesmo quanto com os outros signos que formam um sistema restrito. Saussure foi postumamente criticado por ter ignorado a dinâmica do tempo. Nada poderia estar mais distante da verdade. (BOUISSAC, 2012, p. 175)

Entre os que acredita que Saussure deixa a diacronia em segundo plano está Castelar de Carvalho (2003, p. 81), que, partindo do *Curso de*

*Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, acredita que ele "rompeu radicalmente com a tradição dos neogramáticos" priorizando a pesquisa descritiva (sincrônica), insurgindo "frontal e veementemente" contra os estudos diacrônicos, abonando-se com o parágrafo de abertura do capítulo sobre a linguística estática e a linguística evolutiva, que é o seguinte: "Poucos linguistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência diante de duas rotas absolutamente divergentes". (SAUSSURE, 2012a, p. 120, *apud* CARVALHO, 2003, p. 81)

Vamos nos valer principalmente de elementos comprobatórios disponíveis no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012a) não deixando de registrar outros pontos destacados de seus *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012b).

## **2. Linguística sincrônica ou estática versus linguística diacrônica ou evolutiva**

O termo "linguística histórica" suscita ideias como a de que, "ao descrever estados sucessivos da língua, se estivesse estudando a língua conforme o eixo do tempo" (SAUSSURE, 2012a, p. 122), para o que seria necessário levar em conta separadamente os fenômenos que fazem a língua passar de um estado a outro, ou seja, as causas dessas modificações. O termo *linguística evolutiva* era empregado frequentemente, no início do século XX, assim como *linguística estática*, significando linguística diacrônica e linguística sincrônica, respectivamente.

Mas, neste artigo, pretende-se dar a entender que sincrônico é tudo que se relaciona com o aspecto estático da linguística, e diacrônico é o que diz respeito às evoluções, e que *sincronia* e *diacronia* designam um estado de língua e um estágio de sua evolução, evitando-se outras interpretações.

O falante comum, como lembra Saussure, não percebe a sucessão dos fatos da língua, visto que "ele se acha diante de um estado" (SAUSSURE, 2012a, p. 123). Por isto, o linguista deve ignorar a diacronia quando quiser compreender o estado da língua em determinada momento, suprimindo o passado.

Assim como seria absurdo, por exemplo, fotografar o Rio da Madeira focalizando-o simultaneamente de vários pontos da foz à nascente (ou descrever uma pessoa a partir de retratos feitos quando ela estava

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

com cinco, dezoito, quarenta e setenta anos, simultaneamente), a intervenção da história na descrição de um estágio da língua falsearia a análise linguística. Ou seja: um panorama deve ser focalizado de um só ponto. Do mesmo modo se deve agir para a descrição da língua: não se pode descrevê-la nem fixar normas para o seu uso sem se colocar em um estado determinado. Assim é o caso a linguística sincrônica ou estática, em oposição à linguística diacrônica ou evolutiva.

A linguística moderna nasceu como linguística diacrônica, com a gramática comparada do indo-europeu. O mesmo método foi utilizado também no estudo das línguas românicas, das línguas germânicas etc., casos em que os estados pontuais de cada uma dessas línguas intervêm muito imperfeitamente e apenas por meio de fragmentos, como o fez Franz Bopp.

Após ter concedido um lugar bastante grande à história, a linguística voltará ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A gramática antiga via somente o fato sincrônico; a linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta. (SAUSSURE, 2012a, p. 124)

Pode se concluir da transcrição acima o quanto Saussure valoriza a diacronia, considerando-a indispensável para a melhor compreensão de cada um dos estados de uma língua, apesar de deixar claro que isto não se fará com o abandono da sincronia, mas com a comparação das duas ordens de fenômenos (os sincrônicos e os diacrônicos).

De acordo com o que pensa Sebastião Elias Milani (2011), considerando que " Na língua, lei nenhuma pode ser dada como garantia de regularidade de algum fator reinante numa determinada parte" (MILANI, 2011, p. 99), "Saussure expõe com reservas as leis da diacronia: ao contrário da aparência, têm em geral características de acidentes e são bastante particulares em seus acontecimentos". (*Idem, ibidem*, p. 100)

Para o falante, o aspecto sincrônico é mais importante que o diacrônico, porque só ele constitui a verdadeira realidade linguística perceptível. Quando o linguista se coloca na perspectiva diacrônica, percebe uma série de acontecimentos que modificam a língua, mas não a língua viva em uso. Conhecer as condições que formaram determinado estado da língua é, portanto, muito importante, porque são essas condições que esclarecem sobre a sua verdadeira natureza, livrando-nos de ilusões. É a

diacronia que explica e justifica os fatos da língua, mas, apesar disso, não tem utilidade na descrição do seu estado atual.

### **3. A diferença entre diacronia e sincronia, ilustrada por comparações**

Para mostrar simultaneamente a autonomia e interdependência do sincrônico e do diacrônico, pode-se comparar a primeira com a projeção da imagem de um corpo sobre um plano. Com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte. Sem isso, não haveria toda uma ciência das projeções; bastaria considerar os corpos em si mesmos. Em linguística, existe a mesma relação entre a realidade histórica e um estado de língua, que é como a sua projeção em um dado momento. Não é estudando os corpos, isto é, os acontecimentos diacrônicos, que se conhecerão os estados sincrônicos, do mesmo modo que não se terá noção das projeções geométricas por haver estudado, ainda que de muito perto, as diversas espécies de corpos. (SAUSSURE, 2012a, p. 129)

Finalmente, para passar de uma sincronia a outra, o deslocamento de uma peça [um traço de um fonema, por exemplo] é suficiente; não ocorre mudança geral. Aí está o paralelo do fato diacrônico, com todas as suas particularidades. (SAUSSURE, 2012a, p. 130)

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente à língua e consagra a distinção radical do diacrônico e do sincrônico. A fala só opera sobre um estado de língua, e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm, nestes, nenhum lugar. (SAUSSURE, 2012a, p. 131)

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a *intenção* de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada. (SAUSSURE, 2012a, p. 131)

Segundo Evani Vioti (2013),

Ele define língua como "um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade" (SAUSSURE, 2012a, p. 45), mas insiste que é separada da fala que a língua se torna um objeto de investigação científica. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 46, *apud* VIOTI, 2013, p. 140)

### **4. A sincronia e a diacronia opostas em seus métodos e em seus princípios**

Os métodos de cada ordem diferem também, e de dois modos:

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a) A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher o seu testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que faça o mesmo em sentido contrário. (SAUSSURE, 2012a, p. 132)

b) Uma segunda diferença resulta dos limites do campo que abrange cada uma das duas disciplinas. O estudo sincrônico não tem por objeto tudo quanto seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua (SAUSSURE, 2012a, p. 132); [mas] a linguística diacrônica não somente não necessita de semelhante especialização, como também a repele; os termos que ela considera não pertencem forçosamente a uma mesma língua. (SAUSSURE, 2012a, p. 133)

O “fenômeno” sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento. (SAUSSURE, 2012a, p. 133)

A lei sincrônica se impõe a todos, sujeitando-os ao uso coletivo, mas não é uma obrigação imperativamente imposta porque nada garante a manutenção da regularidade em qualquer ponto.

É a “simples expressão de uma ordem vigente” (SAUSSURE, 2012a, p. 135) na comunidade, comprovando um estado de coisas. “Ela é da mesma natureza da que comprova que as árvores de um bosque estão dispostas em xadrez. E a ordem que ela define é precária, precisamente porque não é imperativa”. Enfim, “se se fala de lei em sincronia, é no sentido de ordem [organização], de princípio de regularidade”. (SAUSSURE, 2012a, p. 135)

Ao contrário da sincronia, a diacronia supõe um fator dinâmico, pelo qual se produz um efeito. Mas não basta esse caráter imperativo para se aplicar a noção de lei à evolução da língua; fala-se de lei porque um conjunto de fatos obedece à mesma regra. No entanto, apesar de não parecer, os fatos diacrônicos “têm sempre caráter acidental e particular”. (SAUSSURE, 2012a, p. 135)

“No tocante aos fatos semânticos, somos convencidos imediatamente” (SAUSSURE, 2012a, p. 135): se a palavra “baiano”, em São Paulo, por exemplo, significa o mesmo que “paraíba” no Rio de Janeiro, tratando-se do migrante nordestino, isso se deve a causas particulares que não dependem de outras mudanças ocorridas na língua; foi apenas um acidente registrado na história do português brasileiro.

## 5. *Consequências da confusão entre sincronia e diacronia*

A mudança sincrônica supõe sempre dois termos simultâneos, enquanto o fato diacrônico não precisa de mais que um termo, porque a forma nova toma o lugar da forma antiga, que desaparece.

Resumindo: os fatos sincrônicos apresentam certa regularidade, mas não têm nenhum caráter imperativo; os fatos diacrônicos, ao contrário, se impõem à língua, apesar de não ter um caráter geral.

Ou seja: “A verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra”. (SAUSSURE, 2012a, p. 138)

O verbo “pôr” e seus derivados, por exemplo, são da segunda conjugação porque é uma evolução de poer (< pōer < poner < ponere < pōnere), mas também, do ponto de vista sincrônico, pode ser explicado que é da segunda conjugação porque a sua vogal temática, identificável na segunda pessoa do singular, é a mesma vogal átona “e” dos demais verbos da segunda conjugação.

A verdade sincrônica não contradiz a diacrônica, porque a consciência linguística aproxima a gramática tradicional da gramática histórica. Pelo contrário elas concordam tanto que se costuma confundir uma com a outra.

Considerando o duplo princípio da diacronia e da sincronia, pode-se concluir que “*tudo quanto seja diacrônico na língua só o é pela fala*” (SAUSSURE, 2012a, p. 141), porque é no discurso ou na língua falada, pela qual cada uma das modificações é transmitida aos outros indivíduos de uma comunidade, que tem origem a evolução da língua. Enquanto as inovações permanecerem no nível individual, não terão qualquer efeito diacrônico.

Um fato de evolução linguística é sempre precedido de outros fatos similares na esfera da fala, porque sempre se encontram dois momentos distintos, na sua história: “1º – aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º – aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade”. (SAUSSURE, 2012a, p. 141)

## 6. *Generalidades sobre a linguística diacrônica*

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A fonética, e toda a fonética, constitui o primeiro objeto da linguística diacrônica; com efeito, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado; comparar fonemas ou grupos de fonemas com o que foram anteriormente equivale a estabelecer uma diacronia. A época antecedente pode ser mais ou menos próxima; mas quando uma e outra se confundem, a fonética deixa de intervir; só resta a descrição dos sons de um estado de língua, e compete à fonologia levá-la a cabo. (SAUSSURE, 2012a, p. 193-194)

Em fonética, nada é significativo ou gramatical, de tal modo que para se fazer a história dos sons de uma palavra pode ser totalmente ignorado o seu sentido, ficando evidente que “diacrônico equivale a não gramatical, assim como sincrônico a gramatical”. (SAUSSURE, 2012a, p. 194)

Há sons que se transformam com o tempo, assim como o significado das palavras e as categorias gramaticais<sup>14</sup>. Numerosos casos são mostrados na gramática histórica. Por isto, sem a fonética, é difícil estabelecer uma distinção absoluta entre diacronia e sincronia. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 194)

A linguística diacrônica estuda as relações que unem termos sucessivos não percebidos pela comunidade, termos que substituem uns aos outros sem formar um sistema, enquanto a linguística sincrônica trata das relações lógicas e psicológicas, unindo termos coexistentes e formando sistemas percebidos pela comunidade. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 142)

A linguística diacrônica estuda as relações entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo; não as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua. Estes são estudados pela linguística sincrônica. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 193)

Maria Fausta Pereira de Castro (2013) lembra um trecho dos manuscritos de Saussure (2012b), em que ele formula uma de suas hipóteses sobre a intervenção do tempo no estudo da linguagem, que vale apenas registrar aqui também:

O fato de que o Tempo intervém para alterar a língua, como intervém para modificar qualquer coisa, não parece, de início, um fato muito grave para as condições em que se coloca a ciência linguística. E eu devo acrescentar que vejo apenas uma ínfima proporção de linguistas, ou talvez nem isso, dispostos a acreditar que a questão do Tempo criou, para a linguística, condições particulares, dificuldades particulares, questões particulares e até mesmo uma

---

<sup>14</sup> Não é este o lugar nem o momento adequado para se tratar da gramatização, mas seria interessante refletir sobre isto, a partir de variantes linguísticas que estão se gramaticalizando atualmente.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

questão central, podendo acabar por cindir a linguística em duas ciências. (SAUSSURE, 2012b, p. 285, *apud* CASTRO, 2013, p. 88)

Enfim, apesar da intervenção da fonética na evolução das línguas, não é ela que a explica em todos os seus detalhes: “uma vez eliminado o fator fonético, encontra-se um resíduo que parece justificar a ideia *de uma história da gramática* (SAUSSURE, 2012a, p. 196), que é a história dos fatos marcantes de uma comunidade que influenciaram em sua evolução, que se costuma chamar de história externa ou social da língua, em oposição à história interna, que é exatamente a gramática histórica.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

**7. *As mudanças fonéticas e suas causas***

Nas mudanças fonéticas, o que se transforma é um fonema e, às vezes, apenas em determinadas posições, como é o caso exemplificado da nasalização das vogais tônicas que precedem a consoantes nasais no português brasileiro ou da fricatização das linguodentais /t/ e /d/ seguidas de /i/ em grande extensão do país. Nesses casos, registra-se um “sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos” (SAUSSURE, 2012a, p. 197), que atinge todas as palavras em que figure o fonema em questão, naquelas mesmas condições.

Apesar de sempre haver “uma causa determinante” para o desencadeamento de um sucesso histórico, nem sempre fica evidente a sua causa imediata, “cuja causa geral existia há muito tempo” (SAUSSURE, 2012a, p. 204), como é o caso do desenvolvimento da nasalização da vogal tônica que precede uma consoante nasal, no Brasil, em oposição ao que ocorre em Portugal e em outros países da lusofonia, graficamente marcada nas vogais /a/, /e/ e /o/, como em Afrânio X Afrânio, Eugênio X Eugênio, Antônio X Antônio etc.

Busca-se, por vezes, uma dessas causas determinantes no estado geral da nação em um dado momento. As línguas atravessam algumas épocas mais movimentadas que outras: pretende-se relacioná-las com os períodos agitados da história exterior e descobrir, assim, um vínculo entre a instabilidade política e a instabilidade linguística; isso feito, acredita-se poder aplicar às mudanças fonéticas as conclusões concernentes à língua em geral. (SAUSSURE, 2012a, p. 204)

**8. *A analogia e a aglutinação na evolução linguística***

Sentimo-nos por vezes tentados a perguntar se a analogia tem verdadeiramente a importância que lhe concedem os desenvolvimentos precedentes, e se possui ação tão extensa quanto a das mudanças fonéticas. De fato, a história de cada língua permite descobrir um formigueiro de fatos análogos acumulados uns sobre os outros, e, tomados em bloco, esses contínuos reajustes desempenham um papel considerável na evolução da língua, mais considerável, inclusive, que o das mudanças de sons. (SAUSSURE, 2012a, p. 229-230)

Algumas vezes, há insegurança para se afirmar que uma forma atual da língua nasceu por aglutinação ou se surgiu como construção analógica, em palavras como também/tão bem, contudo/com tudo, senão/se não, porquanto/por quanto, portanto/por tanto etc. Somente com testemunhos na história, é possível resolver tal problema porque “Todas as vezes que ela permite afirmar que um elemento simples foi outrora dois ou vários elementos da frase, está-se diante de uma aglutinação [...]. Mas

quando falta a informação histórica, é bem difícil determinar o que seja aglutinação e o que resulta da analogia”. (SAUSSURE, 2012a, p. 238)

### **9. Unidades, identidades e realidades diacrônicas**

Pode-se definir a diacronia como o deslocamento da relação entre o significante e o significado, aplicado à alteração do sistema. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Depois de “comprovado um determinado deslocamento das unidades sincrônicas”, é preciso identificar a “unidade diacrônica em si” (SAUSSURE, 2012a, p. 241), pesquisando-se sobre “cada acontecimento” para se identificar “qual o elemento submetido diretamente à ação transformadora”, sempre atento ao fato de que “a palavra, enquanto unidade, lhe é estranha”. (SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Em todo caso, não será completamente elucidada enquanto não tiver sido estudada em seus dois aspectos, o estático e o evolutivo. Somente a solução do problema da unidade diacrônica nos permitirá ultrapassar as aparências do fenômeno de evolução e atingir-lhe a essência. Aqui, como na sincronia, o conhecimento das unidades é indispensável para distinguir o que é ilusão do que é realidade. (SAUSSURE, 2012a, p. 241)

Nem sempre é fácil definir *identidade diacrônica*, pois é preciso saber se uma unidade persistiu idêntica a si mesma, ou se, persistindo como unidade distinta, mudou de forma ou de sentido. Por exemplo, se a palavra *cadeira* ou a palavra *leite* significa a mesma coisa que o elemento tomado do latim *cathedra* < *cáthedra* ou do latim *laite* < *lacte*. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 241)

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

**10. Objetividade da diacronia e subjetividade da sincronia**

A análise histórica ou diacrônica consiste em projetar sinteticamente as construções das palavras em diferentes épocas, de modo que, como a divisão da palavra em suas subunidades é feita para conhecê-las melhor, a síntese resultante pretende identificar sua forma mais antiga (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 244). Comparativamente,

A palavra é como uma casa cuja disposição interior e destinação tivessem sido alteradas em várias ocasiões. A análise objetiva soma e superpõe essas distribuições sucessivas; entretanto, para os que ocupam a casa, nunca existe mais que uma análise. (SAUSSURE, 2012a, p. 244)

A etimologia não é uma disciplina distinta nem uma parte da linguística evolutiva; é somente uma aplicação especial dos princípios relativos aos fatos sincrônicos e diacrônicos. Ela remonta ao passado das palavras até encontrar algo que as explique. (SAUSSURE, 2012a, p. 249)

Tratando-se da origem de uma palavra, quando se diz que ela “vem” de outra, várias coisas podem ser entendidas: simples alteração do som (*lupa* > *loba*); alteração do sentido somente (*oculus* > *óculos*); alteração do sentido e do som (*senior* > *senhor*) ou, enfim, uma derivação gramatical (*casa* > *casebre*). Neste último caso, trata-se de uma relação sincrônica de vários termos diferentes; deste modo, a analogia se torna a parte mais importante da pesquisa etimológica. “A etimologia não se contenta em explicar palavras isoladas; faz a história de famílias de palavras, assim como a faz dos elementos formativos, prefixos, sufixos etc.” (SAUSSURE, 2012a, p. 250)

**11. As duas perspectivas da diacronia**

A linguística sincrônica só admite a perspectiva dos falantes e, conseqüentemente, um único método, mas a linguística diacrônica supõe um ponto de vista prospectivo (seguindo o curso verdadeiro dos acontecimentos, desenvolvendo a história da língua), e um retrospectivo, indo em sentido oposto, ao passado, porque a linguística diacrônica prospectiva pode ser insuficiente ou inaplicável em casos como os estudos etimológicos. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 281)

Com efeito, para poder fixar a história de uma língua em todos os seus detalhes, acompanhando o curso do tempo, seria mister possuir uma infinidade de fotografias da língua, tomadas, momento após momento. Ora, tal condição nunca se verifica: os romanistas, por exemplo, que têm o privilégio de conhecer o latim, ponto de partida de sua pesquisa, e de possuir uma massa imponente de documentos pertencentes a uma longa série de séculos, verificam, a

cada instante, lacunas enormes em sua documentação. Cumpre então renunciar ao método prospectivo, ao documento direto, e proceder em sentido inverso, remontando o curso do tempo pela retrospectação. Nesse segundo modo de ver, colocamo-nos em uma época dada para pesquisar não o que resulta de uma forma, mas qual é a forma mais antiga que lhe pode dar origem. (SAUSSURE, 2012a, p. 281-282)

## **12. A língua mais antiga, as reconstruções**

Raramente duas formas linguísticas fixadas pela escrita em datas sucessivas representam exatamente o mesmo idioma em dois momentos de sua história, mas, pelo contrário, dialetos que não são a continuação linguística um do outro. A mais ilustre exceção a esta regra são as línguas românicas relativamente ao latim. Recuando, por exemplo, do português ao latim, nós nos encontramos bem na vertical porque o território dessas duas línguas é o mesmo em que se falava o latim lusitano num passado remoto, sendo ele, naturalmente uma evolução do latim. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 287)

Graças ao método retrospectivo, apesar de se poder recuar no tempo e reconstituir línguas faladas muito antes de sua entrada na história, em grande parte é uma ilusão pensar que essas reconstruções poderiam esclarecer a respeito da raça desses povos, filiação, relações sociais, costumes, instituições etc. e que a língua subministra luzes à antropologia, à etnografia, à pré-história. É claro que há alguma verdade nisto, mas, com certeza, trata-se, de uma verdade relativa e restrita a alguns aspectos. (Cf. SAUSSURE, 2012a, p. 294)

Feitas as devidas ressalvas e consideradas as suas limitações, "a língua é um documento histórico". Por isto, "o fato de as línguas indoeuropeias constituírem uma família nos leva a concluir um etnismo primitivo, do qual todas as nações que hoje falam tais línguas são, por filiação social, as herdeiras mais ou menos diretas". (SAUSSURE, 2012a, p. 296)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

13. *Reflexões conclusivas*

Poderíamos concluir com as palavras dos próprios organizadores do *Curso de Linguística Geral*, que definiram o objeto da linguística com a seguinte frase, que não parece ser de Saussure: “*A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*” (SAUSSURE, 2012a, p. 305), naturalmente, no sentido que Saussure deu a *langue*, ou seja, o sistema linguístico de uma comunidade, considerado abstratamente – despojado das variações naturais da *parole* (fala), redefinida mais tarde por Noam Chomsky como “desempenho”, oposto a “competência”.

No penúltimo parágrafo do livro, os seus organizadores ainda escreveram que

Embora reconhecendo que Schleicher violentava a realidade ao ver na língua uma coisa orgânica, que trazia em si própria a sua lei de evolução, continuamos, sem vacilar, a querer fazer dela uma coisa orgânica em outro sentido, ao supor que o “gênio” de uma raça ou de um grupo ético tende a conduzir a língua incessantemente por caminhos determinados. (SAUSSURE, 2012a, p. 305)

Refletindo sobre fragmentos dos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2012b), Loïc Depecker acredita ficar evidente que a diacronia linguística – “observações sobre o conjunto das línguas através do tempo” – é um dos elementos de que dispõe o linguista para entender o que é “língua” seu objeto de estudo, ou seja “esse conjunto de observações e princípios que o linguista extrai do estudo das línguas”. (DEPECKER, 2012, p. 32)

Enfim, a única forma de analisar a língua objetivamente é através de sua história, da história de sua evolução, da diacronia linguística, porque a percepção da língua viva pelo falante, inclusive pelos linguistas, é subjetiva e muito parcial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Trad.: Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 87-98.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia: Kelps, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 34. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Écrits de linguistique générale*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

VIOTTI, Evani. Mudança linguísticaa. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 137-179.